

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**VINCULAÇÃO, CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA E ESTRATÉGIAS DE  
RESOLUÇÃO DE CONFLITOS:  
UM ESTUDO DIÁDICO**

**Bárbara Miguel Godinho da Fonseca**

Outubro 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade  
do Porto, orientada pela Professora Doutora **Paula Mena Matos**  
(FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

Diz o ditado que “por detrás de um grande homem, está sempre uma grande mulher” e eu acrescentaria que, por detrás de grandes conquistas estão sempre grandes sonhos.

Esta tese representa para mim um dos expoentes máximos do meu Mestrado Integrado em Psicologia. O caminho foi difícil mas não foi solitário. Por isso estou grata por todos aqueles que, de uma forma ou outra, contribuíram para que eu conseguisse alcançar esta conquista e sonhar os meus sonhos. Sem eles nada teria sido possível. O meu mais sincero obrigada:

À Professora Doutora **Paula Mena Matos**, pela orientação e apoio durante toda esta etapa. Obrigada pela disponibilidade e conselhos, e por, mesmo nesta corrida contra o tempo, nunca ter desistido de mim e ter acreditado que eu ia conseguir;

À Doutora **Marisa Matias**, por me ter conduzido e ajudado tanto na última etapa deste processo. Obrigada por todo o cuidado e consideração, por teres ouvido os meus desabafos e inquietações, pelas palavras de força e alento mesmo quando achei que não ia ser capaz. De outra forma nunca teria percebido como afinal gosto de investigação;

A todas as minhas amigas da FPCEUP, em especial à **Telma, Armanda, Catarina e Rita**, por tantas vezes terem ouvido as minhas queixas. Obrigada por terem feito este caminho comigo - assim não custou tanto;

À **Tuna Feminina do OUP**, por me ter mostrado como tudo é possível. Obrigada por me fazer perceber que, mesmo quando a música tem muitos instrumentos e a melodia é complicada, quando cantamos tudo ganha outra vida. Em especial às tunafas mais incríveis, **Bebé, Luca, Chica, Raquel, Adriana, Diana, Eva, Nânci, Mafalda e Leonor**, obrigada pelas mil e uma vezes que perguntaram “como vai a tese” e por me terem ajudado a conciliar a tese com semanas e semanas de ensaios e festivais. Convosco consegui tudo;

À **Vanessa**, ao **Zef** e ao **Roda**, por todas as vezes em que a minha tese foi mais um motivo de risota. Obrigada por me ajudarem a tornar esta batalha num percurso mais leve;

À **Micas**, o meu braço direito, pelas tardes de companhia. Obrigada por teres tido tanta paciência comigo, me acalmares e ofereceres ajuda em tudo o que fosse preciso, principalmente nas últimas semanas;

Ao **Rui**, pelo amor, pelo carinho, pela amizade, pela compreensão. Obrigada por teres estado sempre lá, desde o início, a oferecer o teu ombro como encosto, o teu abraço como apoio. Sempre, incondicionalmente. Obrigada por me impores limites e “ameaças” não falar mais comigo até acabar a tese. Obrigada por me pões à frente da tua palavra e não a teres cumprido por saberes que dei o meu melhor e que o meu melhor é ao teu lado. Obrigada por todos os “tem calma rapariga”, pelos “está quase”, pelos “vais conseguir”. Obrigada por me teres feito rir depois de cada lágrima que limpaste e seres a pessoa que mais sorrisos sinceros me arranca – és tu que fazes com que a minha vida tenha outro *Sabor*;

À minha **Mãe**, por ser a Minha Mãe. Obrigada por todos os motivos e mais alguns que só nós as duas sabemos.

## Resumo

Vários estudos têm até ao momento tentado compreender a associação entre a orientação de vinculação e o Conflito Trabalho-Família (CTF), no entanto, poucos são os que utilizam o casal como unidade de análise. Alguns estudos diádicos mostram que existe uma associação entre a vinculação e as Estratégias de Resolução de Conflitos (ERC) mas nenhum relaciona as ERC com o CTF. O presente estudo tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento do estudo das implicações da vinculação na compreensão do CTF de uma perspetiva inexistente até ao momento. Pretende-se verificar se as Estratégias de Resolução de Conflitos (ERC) têm um papel mediador na relação entre a orientação da vinculação romântica do adulto e o conflito trabalho-família e família-trabalho, recorrendo a uma perspetiva diádica. A amostra foi constituída por 130 casais de duplo emprego, 260 participantes, residentes no Porto. Para analisar os resultados utilizaram-se procedimentos estatísticos APIMeM. As mediações encontradas demonstram que o evitamento da mulher tem um efeito no seu CTF e no do companheiro através das perceções de retirada que cada um tem do outro. Os *efeitos de ator* encontrados suportam a literatura existente, nomeadamente entre a vinculação e as ERC e entre a vinculação e o CTF. Foram encontrados resultados menos esperados nas associações entre as ERC e o CTF e alguns *efeitos de parceiro*. Os resultados são discutidos à luz de uma abordagem diádica da vinculação romântica do adulto e das implicações desta no trabalho e na família.

*Palavras-chave:* vinculação, resolução de conflitos, conflito trabalho-família e família-trabalho, estudo diádico

## Abstract

Several studies have tried to understand the association between the attachment orientation and the Work-Family Conflict (WFC), but few used the couple as the analysis unit. Some investigations demonstrate the link between the adult attachment and the Conflict Resolution Strategies (CRS), but none the connection between the CRS and the WFC. We aim to improve the understanding of the attachment implications in the WFC from an inexistent perspective until now. It is intended to check whether the Conflict Resolution Strategies (CRS) mediate the relationship between the adult romantic attachment orientation and the work-family and family-work conflict, using a dyadic approach. The sample consisted of 130 dual-earner couples, 260 participants, residing in Porto. To analyze the results we used APIMeM statistical procedures. Mediations found show that women's avoidance has an effect on their WFC and their partner as well, through the perceptions of withdrawal that each has of the other. The *actor effects* found support existing literature, particularly between attachment and the CRS and between attachment and the WFC. We found unexpected results associating the CRS and the WFC, and some *partner effects*. The results will be discussed in the light of a dyadic approach of adult attachment and its implications in the work and the family.

*Key-words:* attachment, conflict resolution, work-family and family-work conflict, dyadic study

## Introdução

### Conciliação Trabalho-Família e Família-Trabalho

O desenvolvimento da sociedade contemporânea tem trazido inúmeros desafios para as famílias dos dias de hoje, incluindo na vida dos casais de duplo emprego. As demandas de um mercado de trabalho competitivo que procura atingir níveis de excelência exigem que os trabalhadores se dediquem mais horas ao seu emprego, colocando-os sob *stress* para atingir objetivos propostos. A necessidade de continuar a receber remuneração para sustentar a família faz com que muitos indivíduos se submetam a horários rígidos e sobrecarregados e aceitem a pressão laboral.

A maioria da literatura sobre a relação entre o trabalho e a família tem-se focado na dificuldade de conciliação de papéis (Matias, Andrade, Fontaine, Alves & Martinez, 2008), nomeadamente enfatizando o conflito, o *stress* e os défices no bem-estar (Greenhaus & Powell, 2006; Matias, Andrade & Fontaine, 2011). De acordo com Greenhaus e Beutell (1985), uma vez que os indivíduos possuem uma quantidade limitada de recursos psicológicos e fisiológicos, nem sempre é fácil fazer face às diferentes demandas das múltiplas tarefas exigidas, podendo surgir o conflito entre papéis. Isto é, o CTF é aquele que acontece quando as pressões associadas aos papéis do trabalho e da família se fazem sentir incompatíveis, fazendo com que a participação num desses papéis torne difícil a participação plena no outro.

Estes autores propuseram um modelo segundo o qual os principais motivos do conflito nos sentidos trabalho-família e família-trabalho são o *tempo* (e.g., período despendido em determinadas atividades relativas a um dos papéis em detrimento de outras no papel oposto), a *tensão* que o desempenho de um papel tem no desempenho do outro (e.g., ansiedade, depressão, fadiga) e os *padrões de comportamento* que determinado papel implica e são, simultaneamente, incompatíveis com as expectativas comportamentais do outro papel. Estas três grandes fontes de CTF podem fazer-se sentir igualmente de modo bidirecional, ou seja, assim como no trabalho existem incompatibilidades que influenciam a família, também nesta existem constrangimentos que condicionam o desempenho laboral (Greenhaus & Beutell, 1985). O conflito no trabalho faz-se sentir devido a experiências negativas relacionadas com o contexto laboral mas também relacionadas com o contexto familiar (Byron, 2005; Griggs, Casper & Eby, 2013; Matias et al., 2011). No estudo conduzido por Matias e colaboradores (2011) em Portugal com casais de duplo emprego, foram avaliados vários antecedentes do CTF. Os resultados mostraram que o número de horas

despendidas no exercício da atividade laboral e o *stress* profissional são bons preditores de conflito na família; que o *stress* familiar e a divisão das obrigações em casa (nomeadamente as tarefas de cuidado dos filhos) são bons preditores de conflito no trabalho. Para além disto, são observadas diferenças de género e verifica-se a necessidade de investigar as implicações do CTF numa base diádica. Deste modo seria possível perceber como o CTF afeta não só o próprio indivíduo, mas também o relacionamento conjugal (e a família como um todo), bem como de que forma o conflito familiar é vivido a dois e interfere na performance de cada um dos elementos do casal no seu contexto de trabalho.

Mais recentemente, Peeters, ten Brummelhuis e van Steenbergen (2013) procuraram desafiar a visão tradicional de que o conflito e o enriquecimento trabalho-família apenas tem consequências na família e que o conflito e o enriquecimento família-trabalho apenas influenciam o trabalho. Baseados na Teoria da Troca Social (Cropanzano & Mitchell, 2005), cuja principal hipótese é a de que o indivíduo recebe de volta os benefícios que transmite aos outros, estes autores explicam que um recurso providenciado pelo “domínio de partida” aumenta não só os resultados do “domínio de chegada” como também do próprio “domínio de partida”. Por exemplo, se um trabalhador se sente satisfeito e bem tratado pela empresa onde trabalha porque esta se mostra interessada no bem-estar familiar dos seus funcionários, é possível que este trabalhador se torne ainda mais satisfeito e tenha um maior nível de compromisso para com a sua empresa e coloque esforços extraordinários nas tarefas que tem de desempenhar no trabalho (Ryan & Kossek, 2008). Peeters e colaboradores (2013) assumem que também é possível utilizar um argumento similar no que diz respeito ao sentido bidirecional do CTF. Ou seja, se as solicitações de um domínio impedem a performance no outro domínio, é provável que o indivíduo desenvolva uma atitude mais negativa para com o domínio causador de conflito. Assim, estes autores propuseram um modelo que promove uma visão do CTF não só bidirecional como recíproca, permitindo adotar uma perspetiva deste tipo de conflito de forma integrada. De acordo com esta perspetiva, neste estudo, o conflito, independentemente da sua direção, irá ser encarado como um constructo único, ainda que bi-dimensional.

### **Vinculação nas Relações Românticas**

Tal como a vinculação na infância, a vinculação durante a idade adulta é a base da compreensão e expectativas das pessoas sobre as relações, orientando-as para determinadas interações sociais (Fraley & Shaver, 2000). Caracterizando o amor e a qualidade dos laços existentes entre crianças e os seus cuidadores, foi Bowlby (1979) que primeiramente



procurou explicar a influência das relações de proximidade desde a infância até ao fim da vida. De acordo com o autor (1969), é através destas relações privilegiadas que os indivíduos constroem modelos internos dinâmicos, isto é representações, crenças e expectativas sobre o *self* e os outros que influenciam a forma como as pessoas se sentem, comportam e se relacionam consigo, com os outros e com o mundo. Até à idade adulta, estes e outros modelos vão sendo construídos e serão a base de orientação das interações e experiências que o sujeito vai tendo nos vários papéis que desempenha, como o de parceiro romântico, o de pai ou o de trabalhador.

No final dos anos 80, Hazan e Shaver (1987) contribuíram para a compreensão do amor romântico através da criação de uma moldura tri-categorial para o estudo das relações diádicas dos casais adultos, com base nos estudos de vinculação na infância (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1987). Os autores propuseram que, nas relações adultas, a principal figura de vinculação deixa de ser um dos pais para passar a ser um par ou um parceiro romântico. Mais acrescentaram que o tipo de cuidados prestados na infância (mais consistentes e sensíveis ou mais negligentes e rejeitantes) promovem diferentes tipos de orientações de vinculação na idade adulta. Pouco depois, Bartholomew (1990) alarga a teoria com base num modelo bi-dimensional da vinculação no adulto, que organiza a perceção de si e dos outros que varia entre um polo positivo e um negativo. Assim, quatro protótipos de vinculação podem ser explicados à luz da natureza dos modelos do *self* e dos outros: seguro (*self* positivo e outros positivos), evitante (*self* positivo e outros negativo), preocupado (*self* negativo e outros positivo) e amedrontado (*self* negativo e outros positivo).

Apesar de várias medidas da vinculação do adulto terem sido desenvolvidas seguindo ambas as perspetivas teóricas (e.g., Bartholomew & Horowitz, 1991; Hazan & Shaver, 1987), Brennan, Clark e Shaver (1998) procuraram integrar as diferentes perspetivas ao conduzir uma análise fatorial exploratória com todas as medidas existentes (323 itens). Os resultados suportam uma visão bi-dimensional da vinculação do adulto em que a ansiedade e o evitamento são os dois fatores comuns subjacentes a todos os itens de vinculação. Os autores também analisaram as teorias anteriores sobre a vinculação e concluíram que a ansiedade e o evitamento eram duas dimensões fundamentais subjacentes à maioria das perspetivas sobre o assunto. A vinculação ansiosa é definida como envolvendo um medo de rejeição interpessoal ou abandono, uma necessidade excessiva para a aprovação dos outros e angústia quando um parceiro não está disponível ou não é responsivo. A vinculação evitante é definida como envolvendo medo de dependência e intimidade interpessoal, uma necessidade excessiva de autossuficiência, e dificuldade de

autorrevelação. Pessoas que obtêm uma pontuação elevada numa ou ambas as dimensões são designadas como tendo uma orientação de vinculação insegura. Por outro lado, as pessoas com baixos níveis de ansiedade e evitamento podem ser vistas como adultos seguros (Mallinckrodt, 2000).

Mikulincer e Shaver (2005) procuraram explicar as experiências vividas dentro dos contextos relacionais e argumentam que as emoções experienciadas por uma pessoa podem afetar não só a sua própria tendência de ação, mas também as respostas do parceiro e, portanto, a qualidade resultante da interação diádica. Deste modo, comportamentos positivos geram emoções positivas que ajudam a sustentar um ciclo interpessoal diádico positivo de reciprocidade. Assim, reforçam o vínculo relacional e contribuem para uma compreensão da vinculação como um poderoso recurso para o indivíduo e também para o seu companheiro. Schore (2003) acrescenta que as relações de proximidade tanto podem ser extremamente apoiantes e promotoras de suporte, como disruptivas do afeto emocional. Assim, pelo contrário, indivíduos evitantes poderão reagir com menos alegria, amor e gratidão aos comportamentos amáveis do parceiro, já que a expressão de afeto poderá ser interpretada como sinal de proximidade, que é incongruente com a preferência de distanciamento emocional dos adultos evitantes (Mikulincer & Shaver, 2005). Mais ainda, segundo os mesmos autores, pessoas com uma vinculação ansiosa poderão ter reações ambivalentes aos comportamentos do parceiro, que resultam da hiperativação de estratégias que sustentam o desejo de suporte e amor, intensificando a avaliação das ameaças potenciais, e aumentando as dúvidas sobre a autoestima e autoeficácia.

Segundo vários autores, a orientação de vinculação individual influencia, portanto, a interação do casal e respetiva capacidade de dar resposta aos afetos do parceiro (Li & Chan, 2012; Mikulincer e Shaver 2005; Paley, Cox, Burchinal & Payne, 1999), a qualidade do mesmo e respetivas expectativas (Hazan & Shaver, 1987; Li & Chan, 2012). Ou seja, com diferentes orientações de vinculação vêm diferentes crenças acerca do curso do amor romântico, da disponibilidade do companheiro, se esse amor vale a pena, se é verdadeiro e se eles próprios merecem ser amados (Hazan & Shaver, 1987).

### **Vinculação e Conflito Trabalho-Família**

Hazan e Shaver (1990) sugeriram que “a tendência dos adultos para procurar e manter proximidade com uma figura de vinculação e para se afastar dessa figura de modo a interagir e dominar o ambiente é expressa, entre outras maneiras, nas relações românticas e no trabalho produtivo” (p. 271). Vários são os autores (Hazan & Shaver, 1990; Matias, Vieira

& Matos, in press; Sumer & Knight, 2001; Vieira, Ávila & Matos, 2012) que sugerem que a vinculação do adulto prediz ou condiciona a forma como os indivíduos percebem a família e o trabalho. Segundo Matias e colaboradores (2008), quando uma relação amorosa do casal é caracterizada pela percepção de suporte do parceiro, os indivíduos experienciam transferências mais positivas da família para o trabalho. Holahan e Gilbert (1979) concluíram de igual modo que cônjuges apoiantes podem proteger-se uns aos outros de experimentar altos níveis de CTF. Na investigação levada a cabo por Hazan e Shaver (1990), os indivíduos seguros indicavam mais satisfação profissional, mais atitudes positivas e maior sucesso no trabalho, bem como menos preocupações associadas a este. Por isso, mais facilmente impediam a interferência do trabalho na família e nas relações (nomeadamente na relação diádica do casal), já que estas duas dimensões eram mais valorizadas do que o trabalho. Já os adultos ansiosos possuíam fronteiras mais permeáveis nas várias dimensões, pois chegavam a piorar o seu desempenho laboral devido à preocupação com questões familiares e relacionais, permitindo que problemas do foro amoroso interferissem na sua performance. Para os adultos evitantes, o trabalho era visto como um escape dos problemas ligados às relações, permitindo, no entanto, que este interferisse nelas. Estes resultados parecem, portanto, confirmar a existência de uma relação entre a orientação de vinculação (e respetivos modelos internos dinâmicos no contexto familiar, mais especificamente no seio das relações amorosas) e o desempenho e experiência da dimensão laboral.

### **Estratégias de Resolução de Conflitos**

A orientação de vinculação influencia, não só a forma como os indivíduos se veem a si e ao outro, como também a maneira como essas relações de grande proximidade - e constrangimentos inerentes - são vividas e percebidas. Straus (1979) explicou que os conflitos vividos pelas famílias podem ser os mesmos, apesar de poderem ser resolvidos de forma diferente. De acordo com Sierau e Herzberg (2012), a maneira como os casais se envolvem e tentam resolver os conflitos é um dos principais indicadores de funcionamento do relacionamento. Gottman e Krokoff (1989) observaram as interações de 25 casais e concluíram que existem diferentes tipos de envolvimento e compromisso no que toca à resolução de conflitos dos casais: a Resolução Positiva dos Problemas (RPP) (que envolve compromisso e negociação), o Envolvimento no Conflito (EC) (que envolve ataques pessoais e perda de controlo), a Retirada (recusa em discutir mais o assunto e desligar-se do companheiro) e a Submissão (desistência da resolução e defesa da sua perspetiva).

Outros estudos mostraram que, quando a discussão de problemas do casal está associado à própria relação, é ativada uma extensa rede de pensamentos (os previamente mencionados modelos internos dinâmicos construídos no seio das relações proximais) sobre conflitos, crenças, expectativas e emoções que levam ao questionamento da vontade e capacidade do parceiro para dar resposta a estas preocupações adequadamente (Simpson et al., 1996). Isso parece sugerir que as representações mentais do *self* e dos outros determinam como os indivíduos se regulam e expressam emocionalmente, nomeadamente em momentos de conflito.

### **Estratégias de Resolução de Conflitos e Vinculação**

A teoria da vinculação e a sua aplicação nos relacionamentos da vida adulta tem sido também utilizada para compreender as diferenças individuais nas respostas ao conflito (Sierau & Herzberg, 2012). Vários estudos mostram que uma orientação de vinculação segura está associada a ERC mais construtivas (Senchak & Leonard, 1992): utilizam estratégias de comunicação mais positivas (Salvatore, Kuo, Steele, Simpson, & Collins, 2011), percebem os comportamentos dos cônjuges de forma mais otimista (Hazan & Shaver, 1987), e utilizam menos estratégias de rejeição (Kobak & Hazan, 1991), tentando chegar a um consenso em que são integradas as opiniões dos dois indivíduos (Creasey & Ladd, 2005). Além disso, indivíduos seguros reagem ao comportamento negativo do parceiro de forma controlada, o que tem efeitos benéficos sobre o processo de resolução de conflitos (Mikulincer, Gillath, & Shaver, 2002). Já os indivíduos mais ansiosos reportam bastante mais dificuldades no que toca à resolução de conflitos conjugais. Estes tendem a usar estratégias menos adaptativas (Scheeren, Vieira, Goulart & Wagner, 2014) e de hiperativação destinadas a minimizar a distância dos parceiros e promover o envolvimento, apoio e cuidados do parceiro. Essas estratégias incluem a dependência excessiva dos companheiros amorosos e controlo do seu comportamento, o que pode favorecer a escalada do conflito (Sierau & Herzberg, 2012). Assim, a vinculação ansiosa está associada a uma vontade de se envolver e dominar os processos de resolução de conflitos (Corcoran & Mallinckrodt, 2000). Já os indivíduos mais evitantes acreditam que, durante conflitos graves, o companheiro não estará disponível para si, pelo que esforços para tal resolução do conflito serão inúteis. Por isto, retiram a sua atenção do conflito (Simpson, Rholes & Phillips, 1996), utilizando estratégias de retirada (Scheeren et al., 2014) destinadas a inibir a busca de apoio, tentando lidar com o sofrimento sozinhos e evitando envolverem-se com o companheiro (Sierau & Herzberg, 2012).

Mas o que acontece na relação a dois quando avaliamos casais e não apenas indivíduos? Que espécie de consequências de reciprocidade podem ser esperadas das reações de um indivíduo na relação a dois tendo em conta a orientação da sua vinculação? A maioria dos estudos realizados até hoje que contemplam estes constructos são baseados em dados individuais em que homens e mulheres são avaliados separadamente, o que faz com que não haja uma avaliação da interdependência dos parceiros nem da influência da orientação de vinculação na relação a dois (Sierau & Herzberg, 2012). Por estes motivos, Sierau e Herzberg (2012) sugerem que examinar as associações entre os estilos de resolução de conflitos dos parceiros e as consequências dos relacionamentos através de uma perspectiva diádica pode oferecer uma visão mais clara do funcionamento dos casais. No seu estudo, encontraram surpreendentes associações positivas entre a vinculação insegura, a utilização de estratégias positivas de resolução de conflitos por parte do companheiro e a satisfação conjugal. Como possível explicação apontam que, como os indivíduos com valores mais altos de vinculação ansiosa mostram uma resolução de conflitos menos funcional, estes comportamentos podem incentivar o parceiro a procurar uma RPP, que então aumenta a satisfação do relacionamento de ambos os indivíduos. Os resultados demonstram uma espécie de mecanismo de compensação diádico em que RPP frequentes de um dos parceiros pode melhorar a satisfação do relacionamento, mesmo quando o outro parceiro mostra valores mais altos de vinculação ansiosa.

### **Estratégias de Resolução de Conflitos e Conciliação Trabalho-Família**

O CTF caracteriza-se pelo facto de estar diretamente ligado à forma como o casal experiencia a relação (Judge, Ilies & Scott, 2006). Deste modo, os desentendimentos e conflitos vividos no seio da relação são também motivo de interferências no equilíbrio trabalho-família. No estudo de Byron (2005), os resultados revelaram que o conflito familiar tem fortes associações com o conflito nos sentidos trabalho-família e família-trabalho. Apesar disto, não existe até hoje nenhum estudo que tenha tido como foco de investigação a relação entre as várias ERC e a conciliação trabalho-família. No entanto, considerando os estudos referidos até então, faz sentido colocar algumas hipóteses tendo em conta estas duas variáveis. Se pensarmos num casal cujas tentativas de resolução dos conflitos relacionais sejam pautadas por um envolvimento positivo e construtivo para encontrar soluções e consensos, facilmente imaginamos o mesmo casal a ultrapassar sem dificuldades o CTF. No entanto, ao imaginar um casal em que se vive o conflito de forma mais negativa, através de ataques pessoais, perdas de controlo ou evitando as discórdias, facilmente imaginamos um

casal que constantemente procura envolver-se em conflito e discute sobre problemas que surgem no contexto familiar (influenciando o trabalho, e vice-versa) ou que acabam por se refugiar no silêncio que não resolve.

Tendo como principais focos as orientações de vinculação do adulto e o CTF, com o presente estudo procuramos investigar até que ponto as ERC existentes no seio da relação conjugal estão, ou não envolvidas nesta dinâmica. Esta investigação pretende contribuir para uma mais completa compreensão e abordagem, através de um modelo diádico, da complexidade da ligação entre os papéis que o indivíduo desempenha no seio da relação conjugal como membro do casal e de uma família, e também enquanto trabalhador, mediada pelas várias ERC.

## **Método**

### **Objetivos e Hipóteses**

O presente estudo tem como objetivo verificar se as ERC têm papel mediador na relação entre a organização de vinculação romântica do adulto e o CTF, recorrendo ao casal como unidade de análise. De acordo com as evidências empíricas anteriormente explanadas, foram elaboradas algumas hipóteses relativamente aos *efeitos de ator* esperados.

H1. Espera-se encontrar um *efeito de ator* da Vinculação no Conflito Trabalho-Família.

H1a. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Ansiosa no CTF.

H1b. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Evitante no CTF.

H2. Espera-se encontrar um *efeito de ator* da Vinculação nas Estratégias de Resolução de Conflitos.

H2a. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Ansiosa na perceção de Retirada que tem do companheiro.

H2b. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Evitante na perceção de EC que tem do companheiro.

H2c. Espera-se encontrar um efeito negativo da Vinculação Ansiosa na perceção de RPP que tem do companheiro.

H2d. Espera-se encontrar um efeito negativo da Vinculação Evitante na perceção de RPP que tem do companheiro.

H3. Espera-se encontrar um *efeito de ator* das Estratégias de Resolução de Conflito no Conflito Trabalho-Família

H3a. Espera-se encontrar um efeito positivo da percepção de EC que tem do companheiro no CTF.

H3b. Espera-se encontrar um efeito positivo da percepção de Retirada que tem do companheiro no CTF

H3c. Espera-se encontrar em efeito negativo da percepção de RPP que tem do companheiro no CTF.

A investigação empírica existente conduzida através de uma metodologia diádica que relaciona as variáveis em questão é reduzida ou inexistente, pelo que as hipóteses levantadas acerca dos *efeitos do parceiro* assentam num carácter essencialmente exploratório.

H4. Espera-se encontrar um *efeito de parceiro* da Vinculação no Conflito Trabalho-Família

H4a. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Ansiosa no CTF.

H4b. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Evitante no CTF.

H5. Espera-se encontrar um *efeito de parceiro* da Vinculação nas Estratégias de Resolução de Conflitos

H5a. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Ansiosa na percepção de EC que o sujeito tem do companheiro.

H5b. Espera-se encontrar um efeito positivo da Vinculação Evitante na percepção de Retirada que o sujeito tem do companheiro.

H5c. Espera-se encontrar um efeito negativo da Vinculação na percepção de RPP que o sujeito tem do companheiro.

H6. Espera-se encontrar um *efeito de parceiro* das Estratégias de Resolução de Conflito no Conflito Trabalho-Família.

H6a. Espera-se encontrar um efeito positivo na percepção de EC que o sujeito tem do companheiro no CTF.

H6b. Espera-se encontrar um efeito positivo na percepção de Retirada que o sujeito tem do companheiro no CTF.

H6c. Espera-se encontrar um efeito negativo na percepção de RPP que o sujeito tem do companheiro no CTF.

H7. Espera-se encontrar *um efeito de mediação* das Estratégias de Resolução de Conflitos na associação entre Vinculação e Conflito Trabalho-Família. Os efeitos de mediação específicos previstos seguem de perto as hipóteses anteriormente descritas.

### **Participantes e Procedimentos**

Os presentes dados foram recolhidos no âmbito do Projeto (RE)CONCILIAR: Impacto de Conciliação Trabalho-Família na Parentalidade e no Desenvolvimento das Crianças, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/MHC-CED/5218/2012), que procura compreender o impacto das dinâmicas de trabalho e família na parentalidade e no desenvolvimento das crianças. O projeto teve a aprovação da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Esta é uma amostra de conveniência composta por 130 casais portugueses heterossexuais de duplo-emprego, cuja família agrega, pelo menos, um filho em idade pré-escolar. Os indivíduos foram recrutados através do jardim infantil de pelo menos um dos filhos, no distrito do Porto. Depois de solicitar a obtenção de autorização das instituições, os objetivos gerais do estudo foram explicados aos participantes, enfatizando a natureza voluntária de participação no estudo e garantindo a confidencialidade e anonimato das respostas. Aqueles que aceitaram participar, preencheram uma declaração de consentimento informado. Foi pedido às educadoras das instituições que entregassem os protocolos de cada casal em conjuntos de dois envelopes abertos: um para o homem e outro para a mulher (previamente identificados). Os protocolos foram levados pelos casais, instruídos a responder separadamente, e deveriam ser entregues no envelope de origem devidamente selado. Como compensação pela participação no projeto, cada casal recebeu um vale de 30€ para gastar em compras num hipermercado.

A maioria dos casais está casada (83,8%) ou vive em união de facto (16,2%), e as suas idades variam entre os 23 e os 51 anos ( $M = 36,19$ ;  $DP = 4,38$ ), sendo que 80,7% tem idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos. Quanto ao nível de escolaridade, 4,3% completou o 6º ano da escola básica, 18,3% possui o 9º ano, 28,8% o 12º ano e 48,7% concluiu o ensino superior. Relativamente ao número de filhos, 52,3% dos casais tem um filho, sendo que os restantes têm 2 ou 3 (44,5% e 3,1%, respetivamente). Quanto às questões laborais, o número de horas de trabalho semanais varia entre 8 e 75 ( $M = 40,63$ ;  $DP = 9,47$ ),



visto que 93,1% dos participantes trabalha a tempo inteiro e 6,9% a tempo parcial; 84% são trabalhadores dependentes e 16% independentes; 66,1% tem horários fixos e 33,9% horários rotativos.

## **Medidas**

*Questionário sociodemográfico.* Foi utilizado um breve questionário demográfico para recolha de dados sociodemográficos dos indivíduos (por exemplo, idade, sexo, habilitações académicas, ocupação atual), bem como outras informações relevantes para a investigação em questão (como o número de horas de trabalho semanal, tipo de horário de trabalho, se é parcial ou a tempo inteiro).

*Conflito Trabalho-Família (CTF).* Foi utilizada a versão breve (Mathews, Kath & Barnes-Farrell, 2010) da *Work-Family Conflict Scale* (Carlson, Kacmar & Williams, 2000; adaptação portuguesa de Vieira, Lopez & Matos, 2013). Dos seis itens, três avaliam as dimensões de conflito na direção do trabalho para a família no que respeita ao tempo, tensão e padrões de comportamento (e.g., “Quando chego a casa do trabalho estou frequentemente demasiado exausta para participar em atividades/responsabilidades familiares.”). Os outros três itens avaliam as mesmas dimensões, desta vez na direção da família para o trabalho (e.g., “Tenho de faltar a atividades de trabalho devido ao tempo que tenho de dedicar a responsabilidades familiares”). Na presente amostra, o índice de consistência interna avaliado pelo alfa de Cronbach contemplando ambas as direções, é de 0,682.

*Vinculação.* Foi utilizado o *Experiences in Close Relationship – Relationship Structures Questionnaire* (Fraley, Heffernan, Vicary, & Brumbaugh, 2011; adaptação portuguesa de Moreira, Martins, Gouveia & Canavarro, 2015). Este questionário integra duas subescalas: a Ansiedade avalia o medo de rejeição interpessoal ou abandono em três itens (e.g., “Tenho medo que o meu companheiro possa deixar-me.”) e o Evitamento avalia o medo de dependência e intimidade interpessoal em seis itens (e.g., “Não me sinto confortável para desabafar/abrir-me com o meu companheiro.”). Os alfas destas dimensões são de 0,846 e 0,733, respetivamente.

*Estratégias de Resolução de Conflitos (ERC).* Foram utilizadas três subescalas do *Conflict Resolution Styles Inventory* (CRSI Partner; Kurdek, 1994; adaptação para português de FamWork Research Consortium, 2005). Neste inventário os resultados obtidos representam a forma como o indivíduo percebe o tipo de comportamento do companheiro aquando a necessidade de resolver um conflito. As três subescalas avaliam três tipos de ERC: a *RPP*, que avalia o compromisso e negociação em quatro itens (e.g., “Esforça-se por conversar

calmamente sobre o assunto.”), sendo que foram utilizados apenas três, uma vez que o índice de consistência interna da subescala ( $\alpha = 0,614$ ) aumentava consideravelmente com a ausência de um dos itens ( $\alpha = 0,803$ ); o *EC*, que avalia os ataques pessoais e perda de controlo em quatro itens (e.g., “Descontrola-se e diz coisas de que mais tarde se arrepende.”), na qual o alfa de Cronbach é que 0,762; e a *Retirada* que avalia a desistência da resolução e defesa da sua perspetiva em quatro itens (e.g., “Fica calado.”), na qual o alfa de Cronbach corresponde a 0,707.

### **Procedimentos de Análise**

Numa primeira fase, tendo-se confirmado a aleatoriedade dos dados omissos ( $p > .05$ ) a partir do teste de Little (Little, 1988), prosseguiu-se para a imputação dos valores através do procedimento estatístico *Expectation Maximization*.

Para testar o papel mediador das ERC, usou-se uma extensão do modelo de análise de efeitos de ator e parceiro, o *Actor–Partner Interdependence Mediation Model* (APIMeM) para díades distintas (Kenny, Kashy & Cook, 2006). O APIMeM (Lederman, Macho & Kenny, 2011) permite avaliar a mediação em dados diádicos através da estimação simultânea de *efeitos de ator e de parceiro*. O modelo APIMeM do presente estudo consiste em 12 variáveis (seis por elemento da díade) e pretende testar o papel mediador das estratégias de resolução de conflito – RPP, EC, e retirada – (três variáveis mediadoras) em ambos os membros do casal na associação entre a orientação de vinculação – ansiosa ou evitante – (duas variáveis independentes) e o CTF (uma variável dependente). O modelo proposto foi testado usando o Método da Máxima Verosimilhança no AMOS 21 (Arbuckle, 2006).

Uma vez que o número de díades é limitado e no sentido de não comprometer o poder estatístico das análises, foram testados três modelos independentes (um para cada mediador). Para se avaliar o ajustamento de cada modelo, e conforme recomendado por Schweizer (2010), o ratio entre  $\chi^2/gf$ , o *comparative fit index* (CFI) e o *root mean square error of approximation* (RMSEA) foram usados. O bom ajustamento de um modelo verifica-se quando o rácio  $\chi^2/gf$  é menor que 2 e aceitável quando o rácio  $\chi^2/gf$  é menor que 3; valores de CFI entre .90 e .95 significam ajustamento aceitável e entre .95 e 1.00 significam um bom ajustamento; valores RMSEA inferiores a .08 indicam um ajustamento de modelo aceitável e abaixo de .05 indicam um bom ajustamento (Schweizer, 2010).

Um modelo saturado, isto é estimando todas as relações entre variáveis independentes, mediadoras e dependentes foi ajustado aos dados. Contudo, uma vez que este modelo não permite o cálculo de indicadores de ajustamento, foi retirada uma correlação entre erros não significativa para ser possível estimar um ajustamento do modelo. A análise do papel mediador das ERC foi efetuada através do procedimento de *bootstrapping* (MacKinnon, Lockwood, & Williams, 2002). A amostra foi repetida 2000 vezes (com reposição) e foram calculados os intervalos de confiança. Um dado efeito indireto é significativo se o valor de zero não estiver contido no intervalo de confiança.

## Resultados

A Tabela 1 permite observar as médias, desvios padrão e correlações de Pearson para todas as variáveis tanto para homens como para mulheres. Verificou-se que existem correlações significativas de ator entre o CTF (do homem e da mulher) e todas as outras variáveis em análise, bem como correlações positivas significativas de parceiro entre o CTF do homem e a perceção de retirada que elas têm deles, e o CTF da mulher e a perceção de retirada que eles têm delas. A vinculação ansiosa do homem apresenta correlações de ator significativas com todas as ERC, sendo que a única com que se correlaciona negativamente é a perceção de RPP. A vinculação ansiosa da mulher correlaciona-se significativa e negativamente com a perceção que ela tem dele na RPP e positivamente com a retirada. Por outro lado, a vinculação evitante do homem correlaciona-se significativa e negativamente com a perceção que ele tem dela na RPP e positivamente na retirada. Relativamente à vinculação evitante da mulher, encontraram-se correlações de ator com todas as ERC (negativamente com a RPP e positivamente com o EC e a retirada), e uma correlação de parceiro com a perceção de ele tem dela como retirando-se do conflito.

### *Tabela 1 aqui*

Relativamente às análises APIMeM, tendo em conta o procedimento descrito em cima, descrevem-se de seguida os resultados para cada um dos modelos.

O modelo relativo ao efeito mediador da variável RPP (ver Figura 1) ajusta-se adequadamente aos dados ( $\chi^2_{(1)} = .22$ ;  $p = .632$ ;  $\chi^2/df = .299$ ; CFI = 1.00; RMSEA = .000). Encontraram-se os seguintes efeitos significativos (ver Tabela 2): a ansiedade e o evitamento do homem associam-se negativamente à forma como ele percebe a companheira como resolvendo positivamente os problemas; a ansiedade da mulher associa-se negativamente à forma como ela percebe o companheiro como resolvendo positivamente os problemas. A

forma como o homem percebe a companheira como resolvendo positivamente os problemas associa-se negativamente ao seu CTF. O evitamento do homem associa-se positivamente ao seu CTF e o mesmo acontece no caso da mulher. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que a RPP não atua como mediadora em nenhuma associação, ainda que a associação entre o evitamento da mulher e o seu CTF por via do homem e da mulher seja marginalmente significativa ( $B = .071$ ;  $SE = .046$ ; 95% CI =  $-.003$  a  $.187$ ;  $p = .056$ ).

*Figura 1 aqui*

*Tabela 2 aqui*

O modelo do efeito mediador da variável EC (ver Figura 2) ajusta-se adequadamente aos dados ( $\chi^2_{(1)} = 1.56$ ;  $p = .210$ ;  $\chi^2/df = 1.569$ ; CFI =  $.994$ ; RMSEA =  $.066$ ). Encontraram-se os seguintes efeitos significativos (ver Tabela 3): a ansiedade do homem associa-se positivamente à forma como percebe a companheira como envolvida no conflito; a forma como a mulher percebe o companheiro como envolvido no conflito associa-se positivamente ao seu CTF; o evitamento do homem associa-se positivamente ao CTF dele; e o evitamento da mulher associa-se positivamente ao CTF dela. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que o EC não atua como mediador em nenhuma associação, ainda que a associação entre a ansiedade do homem e o seu CTF por via do EC do homem e da mulher seja marginalmente significativa. ( $B = .038$ ;  $SE = .027$ ; 95% CI =  $.000$  a  $.111$ ;  $p = .051$ )

*Figura 2 aqui*

*Tabela 3 aqui*

O terceiro modelo, relativo ao efeito mediador da variável Retirada (ver Figura 3) também se ajusta de forma adequada aos dados ( $\chi^2_{(1)} = .40$ ;  $p = .525$ ;  $\chi^2/df = .405$ ; CFI =  $1.00$ ; RMSEA =  $.000$ ). Encontraram-se os seguintes efeitos significativos (ver Tabela 4): a ansiedade e o evitamento da mulher associam-se positivamente à percepção do companheiro como se retirando do conflito; a forma como a mulher percebe o companheiro como se retirando do conflito associa-se positivamente ao CTF dele; a forma como o homem percebe a parceira como se retirando do conflito associa-se positivamente ao CTF dela; o evitamento do homem associa-se positivamente ao CTF dele e o evitamento da mulher associa-se positivamente ao CTF dela; o evitamento do homem está também associado ao CTF dela. Testando os efeitos indiretos, verificou-se que a retirada atua como mediadora na

associação entre o evitamento da mulher e o CTF do homem por via da percepção de retirada que ele tem dela e que ela tem dele ( $B = .077$ ;  $SE = .041$ ; 95% CI = .014 a .182;  $p = .011$ ), e como mediadora na associação entre o evitamento da mulher e o seu CTF por via da percepção de retirada que ele tem dela e ela dele ( $B = .064$ ;  $SE = .037$ ; 95% CI = .007 a .152;  $p = .028$ ). Foram encontrados efeitos de mediação marginalmente significativos entre o evitamento do homem e o CTF da mulher por via da percepção de retirada que ele tem dela e ela dele ( $B = .045$ ;  $SE = .031$ ; 95% CI = .000 a .129;  $p = .053$ ), e entre a ansiedade da mulher e o CTF do homem por via da percepção de retirada que ele tem dela e ela dele ( $B = .052$ ;  $SE = .034$ ; 95% CI = -.001 a .136;  $p = .055$ ).

*Figura 3 aqui*

*Tabela 4 aqui*

### **Discussão**

De acordo com os objetivos traçados, os resultados encontrados suportam algumas hipóteses levantadas e sugerem evidências alternativas das inicialmente pensadas. De facto, verifica-se parcialmente a existência de uma ligação entre a vinculação e o CTF (H1): apenas quando ele ou ela são evitantes é que as dificuldades na gestão dos múltiplos papéis surgem (H1b). Ao contrário do esperado, a relação entre a vinculação ansiosa experienciada por ambos os membros do casal e as dificuldades acima referidas (H1a) não foi observada na presente amostra. Se, por um lado, valores de ansiedade altos são sinónimo de mais conflito e mais utilização de respostas destrutivas (Scheeren et al., 2014), por outro, os indivíduos ansiosos tendem a usar estratégias de hiperativação destinadas a promover o apoio e cuidados do parceiro (Sierau & Herzberg, 2012). Assim poderá fazer sentido pensar que esta procura de proximidade, por muito pouco eficaz que seja, se adequa e dá resposta às exigências na gestão do conflito das múltiplas tarefas. No que diz respeito à associação da vinculação do companheiro no CTF (efeitos de parceiro), um efeito particularmente interessante foi encontrado e que refuta parcialmente a H4b, quando a existência do efeito entre estas duas variáveis no sentido homem-mulher é negativa. Por outras palavras, quanto mais o homem evita a proximidade da relação, menos conflito a mulher experiencia. Provavelmente, quanto mais o homem procura o distanciamento da relação amorosa, menos experiencia CTF (independentemente do sentido deste) pois evita e não permite que os problemas que se fazem sentir numa das dimensões interfira na outra (Hazan & Shaver, 1990). Por este motivo, a mulher acabará por não percecionar esta questão na vida do

companheiro, pelo que ela poderá não sentir tanto conflito (neste caso, família-trabalho). Por outro lado, quanto mais evitante o indivíduo for, menos solicitações do ponto de vista emocional colocará à relação conjugal, permitindo assim um maior investimento laboral da mulher, que poderá ver o conflito trabalho-família diminuído.

Quanto ao efeito da vinculação nas várias ERC, confirmou-se que a ansiedade das mulheres faz com que elas percecionem mais o companheiro como se retirando do conflito (H2a), uma vez que os indivíduos ansiosos têm tendência a considerar que o companheiro não está disponível e é irresponsivo (Mallinckrodt, 2000). No entanto, também se verificou que a ansiedade dos homens tem um efeito na perceção que eles têm da companheira como envolvida no conflito. Uma questão que consideramos importante referir é que o EC está associado a uma ERC considerada negativa. Ainda assim, esta estratégia poderá ser sinónimo de resolução do conflito, mesmo que não da forma mais adequada e construtiva. Assim sendo, podemos levantar a hipótese de que a ansiedade e respetiva procura de proximidade e estratégias para promover o envolvimento, apoio e cuidados do parceiro resultam e que o companheiro poderá dar resposta conforme solicitado, envolvendo-se na resolução dos problemas. Outro resultado não esperado mas que é corroborado com a teoria é o efeito entre a vinculação evitante da mulher e a sua perceção de retirada do companheiro. Ora, uma vez que os indivíduos evitantes possuem um modelo negativo dos outros, facilmente poderemos explicar o facto de este que estes resultados demonstram que as mulheres evitantes confirmam as suas expectativas em relação ao comportamento do companheiro, avaliando-o como utilizador de estratégias de fuga ao conflito conjugal. Relativamente à RPP, confirmou-se que, quanto mais ansiosos ou evitantes eles são, menos percecionam as companheiras como utilizadoras de estratégias construtivas e, quanto mais ansiosas ou evitantes elas são, menos percecionam os companheiros como utilizadores dessas mesmas estratégias (H2c; H2d).

No que respeita aos efeitos entre as ERC e o CTF, verificou-se que a perceção que os homens têm de que as companheiras se envolvem no conflito influencia a capacidade de eles darem resposta à gestão dos múltiplos papéis (H3). Ora, se o EC se caracteriza pelo ataque, pela acusação, pela hostilidade (Judge et al., 2006), mais discussões no sistema conjugal se podem esperar, pelo que o conflito (família-trabalho, neste caso) poderá fazer-se sentir. A perceção de retirada ocupa um papel de destaque, visto que foram encontrados efeitos de parceiro no CTF, tanto para eles como para elas (H6b). Estes resultados poderão demonstrar que quanto mais o indivíduo percebe o companheiro/a como retirando-se do conflito, mais dificuldade sente em dar resposta às tarefas domésticas, em cuidar dos filhos

e por isso mais dificuldade terá em gerir os vários papéis associados à vida familiar. Por outro lado, a percepção de falta de disponibilidade do outro poderá estar associada a uma lacuna na comunicação do casal, pelo que o companheiro/a romântico não é encarado como fonte de suporte para ultrapassar os possíveis conflitos vivenciados no local de trabalho. Podemos ainda concluir que a RPP do casal é uma condição para a diminuição do CTF, uma vez que os homens que percebem as companheiras como resolvendo positivamente os problemas não experienciam conflito na gestão dos papéis a desempenhar.

Finalmente, as mediações encontradas demonstram que o evitamento da mulher tem um efeito no seu CTF e no do companheiro através das percepções de retirada que cada um tem do outro. Ou seja, quanto mais evitante ela é, mais percebe o companheiro como retirando-se do conflito e mais ele a percebe a ela como retirando-se do conflito, e assim, mais CTF ela experiencia e também mais CTF ele experiencia. Em termos práticos, no dia-a-dia, o evitamento da mulher e, por consequência o seu distanciamento, poderão fazer com que ele a ache indisponível para resolver os conflitos e, por isso, ambos irão sentir mais CTF devido aos desentendimentos não resolvidos. Por outro lado, o evitamento da mulher, e por consequência o modelo negativo que tem do companheiro, poderão fazer com que ela o ache indisponível para resolver os conflitos e, por isso, ambos sentirão mais CTF.

Apesar dos resultados encontrados contribuírem para um avanço na compreensão conceptual e empírica do tema em investigação, algumas limitações devem ser tidas em conta. Antes de mais, as características da amostra limitam a generalização dos resultados a outros grupos, nomeadamente casais homossexuais, casais sem filhos ou casais com crianças mais velhas. O tamanho da amostra também não permitiu a testagem das hipóteses e a construção de um só modelo de análise que contemplasse simultaneamente as três variáveis mediadoras. Das medidas utilizados, apenas recorremos a instrumentos de autorrelato, o que pode condicionar as respostas devido à desejabilidade social.

Ainda assim, consideramos que esta investigação é uma mais-valia para a compreensão do tema, uma vez que alarga literatura conhecida pré-existente e acrescenta conhecimento. Esta investigação pôde ainda atender às nuances existentes no casal uma vez que a unidade de análise foi o sistema conjugal – a díade – o que poderá ser encarado como um fator preponderante para o melhor entendimento das implicações que a vinculação no casal e noutras dimensões da vida, como o trabalho. Sugere-se que, para investigações futuras sejam avaliadas as estratégias de resolução dos conflitos na primeira pessoa, de modo a que seja encontrada uma perspetiva mais realista da influência destas estratégias. Mais

ainda se sugere que seja inserida a perspectiva do enriquecimento trabalho-família de modo a compreender o papel positivo que estas dimensões terão uma na outra.



## Referências

- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N. J.: Erlbaum.
- Arbuckle, J. (2006). *Amos 7.0 user's guide*. Springhouse, PA: Amos Development Corporation.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147–178. doi:10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. London: Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In W. S. Rholes, & J. A. Simpson, *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). New York: Guilford Press.
- Byron, K. (2005). A meta-analytic review of work–family conflict and its antecedents. *Journal of Vocational Behavior*, 67, 169–198.
- Carlson, D. S., Kacmar, K. M., & Williams, L. J. (2000). Construction and initial validation of a multidimensional measure of work–family conflict. *Journal of Vocational Behavior*, 56(2), 249-276.
- Consortium, F. R. (2005). Family life and professional work: Conflict and synergy (final report). Retrieved Junho 30, 2006, from <http://www.eu-project-famwork.org>
- Corcoran, K., & Mallinckrodt, B. (2000). Adult attachment, self-efficacy, perspective taking, and conflict resolution. *Journal of Counseling and Development*, 78, 473-483.
- Creasey, G., & Ladd, A. (2005). Generalized and specific attachment representations: Unique and interactive roles in predicting conflict behaviors in close relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 1026–1038.
- Cropanzano, R., & Mitchell, M. S. (2005). Social exchange theory: An interdisciplinary review. *Journal of Management*, 31, 874-900.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154.
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M., & Brumbaugh, C. C. (2011). The experiences in close relationships—Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23(3), 615-625.

- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of Conflict Between Work and Family Roles. *Academy Of Management Review*, *10*(1), 76-88.  
doi:10.5465/AMR.1985.4277352
- Greenhaus, J., & Powell, G. (2006). When work and family are allies: A theory of work-family enrichment. *Academy of Management Review*, *31*(1), 72-92.
- Griggs, T. L., Casper, W. J., & Eby, L. T. (2013). Work, family and community support as predictors of work-family conflict: A study of low-income workers. *Journal of Vocational Behavior*, *82*(1), 59-68.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, *59*, 270-280.
- Holahan, C., & Gilbert, L. (1979). Conflict between major life roles: Women and men in dualcareer couples. *Human Relations*, *32*, 451-467.
- Judge, T. A., Ilies, R., & Scott, B. A. (2006). Work-family conflict and emotions: Effects at work and at home. *Personnel Psychology*, *59*, 779-814.
- Kenny, D. A., Kashy, D. A., & Cook, W. L. (2006). *Dyadic data analysis*. New York: Guilford.
- Kobak, R., & Hazan, C. (1991). Attachment in marriage: Effects of security and accuracy of working models. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60*(6), 861-869.
- Kurdek, L. A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, 705-722.
- Ledermann, T., Macho, S., & Kenny, D. A. (2011). Assessing mediation in dyadic data using the actor-partner interdependence model. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, *18*, 595-612. doi:10.1080/10705511.2011.607099
- Li, T. K., & Chan, D. K.-S. (2012). How anxious and avoidant attachment affect romantic relationship quality differently: A meta-analytic review. *European Journal Of Social Psychology*, *42*(4), 406-419.
- Little, R. J. (1988). A Test of Missing Completely at Random for Multivariate Data with Missing Values. *Journal of the American Statistical Association*, *83*, 1198-1202, *83*, 1198-1202.
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, *7*, 83-104. doi:10.1037//1082-989X.7.1.83
- Mallinckrodt, B. (2006). Attachment, social competencies, social support, and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research*, *10*, 239-266.
- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em

idade pré-escolar. *Psicologia : revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 25(1), 9-32.

- Matias, M., Andrade, C., Fontaine, A., Alves, Z., & Martinez, C. (2008). Gender differences in family to work facilitation in Portuguese and Brazilian families. In A. Fontaine, & M. Matias, *Family, Work and Parenting International Perspectives* (pp. 79-94). Livpsic/Legis Editora.
- Matias, M., Vieira, J., & Matos, P. (in press). Attachment and work-family dynamics in dual-earner couples: A dyadic approach. In S. Walper, W. E. V., & S. F., *Development of partnership relations from adolescence to adulthood - Psychological and sociological perspectives*. Berlin: Springer. Berlin: Springer.
- Matthews, R. A., Kath, L. M., & Barnes-Farrell, J. L. (2010). A short, valid, predictive measure of work-family conflict: Item selection and scale validation. *Journal of Occupational Health Psychology*, 15(1), 75-90.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Attachment theory and emotions in close relationships: Exploring the attachment-related dynamics of emotional reactions to relational events. *Personal Relationships*, 12(2), 149-168.
- Mikulincer, M., Gillath, O., & Shaver, P. R. (2002). Activation of the attachment system in adulthood: Threat-related primes increase the accessibility of mental representations of attachment figures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 881-895.
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the experiences in close relationships-relationship structures questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 97(1), 22-30.
- Paley, B., Cox, M., Burchinal, M., & Payne, C. (1999). Attachment and marital functioning: Comparison of spouses with continuous-secure, earned-secure, dismissing, and preoccupied attachment stances. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 580-597.
- Peeters, M., ten Brummelhuis, L., & van Steenbergen, E. (2013). Consequences of combining work and family roles: A closer look at cross-domain versus within-domain relations. In J. Grzywacz, & E. Demerouti, *New Frontiers in Work and Family Research* (pp. 93-109). Hove, East Sussex: Psychology Press.
- Ryan, A. M., & Kossek, E. E. (2008). Work-life policy implementation: Breaking down or creating barriers to inclusiveness? *Human Resource Management*, 47, 295-310.
- Salvatore, J. E., Kuo, S. I.-C., Steele, R. D., Simpson, J. A., & Collins, W. A. (2011). Conflict in romantic relationships: A developmental perspective. *Psychological Science*, 22(3), 376-383.
- Scheeren, P., de Andrade Vieira, R. V., Ribeiro Goulart, V., & Wagner, A. (2014). Marital Quality and Attachment: The Mediator Role of Conflict Resolution Styles. *Paideia (0103863X)*, 24(58), 177-186. doi:10.1590/1982-43272458201405

- Schore, A. N. (2003). *Affect dysregulation and disorders of the self*. New York: Norton.
- Schweizer, K. (2010). Some guidelines concerning the modeling of traits and abilities in test construction. *European Journal of Psychological Assessment*, 26, 1-2.  
doi:10.1027/1015-5759/a000001
- Senchak, M., & Leonard, K. (1992). Attachment styles and marital adjustment among newlywed couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9(1), 51-64.
- Sierau, S., & Herzberg, P. (2012). Conflict Resolution as a Dyadic Mediator: Considering the Partner Perspective on Conflict Resolution. *European Journal of Personality*, 26, 221–232.
- Simpson, J., Rholes, W., & Phillips, D. (1996). Conflict in close relationships: An attachment perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 899-914.
- Straus, M. A. (1979). Measuring Intrafamily Conflict and Violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage & Family*, 41(1), 75-88.
- Sumer, H., & Knight, P. (2001). How people with different attachment styles balance work and family?: A personality perspective on work-family linkage. *Journal of Applied Psychology*, 86, 653-663.
- Vieira, J. M., Lopez, F. G., & Matos, P. M. (2013). Further validation of Work–Family Conflict and Work–Family Enrichment Scales among Portuguese working parents. *Journal Of Career Assessment*, 22(2), 329-344. doi:10.1177/1069072713493987
- Vieira, J., Ávila, M., & Matos, P. (2012). Attachment and Parenting: The Mediating Role of Work-Family Balance in Portuguese Parents of Preschool Children. *Family Relations*, 61(1), 31-50.

Tabela 1. *Correlações de Pearson entre vinculação, conflito e estratégias de resolução de conflitos, diferenças de Teste-T e tamanhos de efeito*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
1. Conflito (H)	1											
2. Conflito (M)	(,138)	1										
3. Vinculação Ansiosa (H)	,277**	,088	1									
4. Vinculação Ansiosa (M)	,119	,176*	<b>(,329**)</b>	1								
5. Vinculação Evitante (H)	,276**	-,009	,232**	,263**	1							
6. Vinculação Evitante (M)	,160	,260**	,192*	,278**	<b>(,396**)</b>	1						
7. Resolução Positiva dos Problemas (H)	-,270**	-,116	-,227**	-,072	-,254**	-,126	1					
8. Resolução Positiva dos Problemas (M)	-,129	-,271**	-,059	-,253**	-,100	-,422**	(,063)	1				
9. Envolvimento no Conflito (H)	,228**	,136	,257**	,082	,150	,071	-,529**	-,074	1			
10. Envolvimento no Conflito (M)	,054	,282**	,039	,136	,006	,174*	-,166	-,288**	<b>(,211*)</b>	1		
11. Retirada. (H)	,236**	,252**	,218*	,101	,261**	,237**	-,544**	-,033	,416**	,245**	1	
12. Retirada. (M)	,268**	,196*	,055	,272**	,148	,268**	-,088	-,537**	,283**	,280**	(,014)	1
Média	2,42	2,29	3,03	2,45	1,84	1,71	3,43	3,48	2,24	2,04	2,17	2,29
DP	0,608	0,683	1,781	1,591	0,770	0,839	0,648	0,727	,76	,692	,683	,788
t	1,679		3,343**		1,574		-,513		2,524**		-,1229	
d	,147		,293		,137		-,044		,221		-,108	

Nota: H = homens; M = mulheres. Correlações diádicas aparecem entre parêntesis e a negrito as correlações significativas em variáveis similares. Em itálico aparecem as que representam as duas condições anteriores.

\*  $p < .05$ . \*\*  $p < .01$ .

Tabela 2. *Coefficientes significativos para o modelo com Resolução Positiva dos Problemas como mediador*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	$\beta$	<i>p</i>
Vinculação Ansiosa (H) → Resolução Positiva dos Problemas (H)	-.084	.040	-.190	.034
Vinculação Ansiosa (M) → Resolução Positiva dos Problemas (M)	-.221	.095	-.217	.020
Vinculação Evitante (H) → Resolução Positiva dos Problemas (H)	-.097	.046	-.181	.035
Vinculação Evitante (M) → Resolução Positiva dos Problemas (M)	-.430	.089	-.423	<.001
Resolução Positiva dos Problemas (H) → Conflito (H)	-.143	.066	-.185	.031
Vinculação Evitante (H) → Conflito (H)	.151	.074	.191	.040
Vinculação Evitante (M) → Conflito (M)	.172	.081	.212	.033

Tabela 3. *Coefficientes significativos para o modelo com Envolvimento no Conflito como mediador*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	$\beta$	<i>p</i>
Vinculação Ansiosa (H) → Envolvimento no Conflito (H)	.103	.039	.242	.008
Envolvimento no Conflito (M) → Conflito (M)	.204	.084	.207	.015
Vinculação Evitante (H) → Conflito (H)	.163	.073	.206	.026
Vinculação Evitante (M) → Conflito (M)	.200	.074	.246	.007

Tabela 4. *Coefficientes significativos para o modelo com Retirada como mediador*

Efeito	<i>B</i>	<i>SE</i>	<i>β</i>	<i>p</i>
Vinculação Ansiosa (M) → Retirada (M)	.114	.045	.162	.011
Vinculação Evitamento (M) → Retirada (M)	.196	.086	.208	.024
Retirada (H) → Conflito (M)	.241	.085	.241	.005
Retirada (M) → Conflito (H)	.196	.065	.254	.003
Vinculação Evitante (H) → Conflito (H)	.148	.071	.188	.037
Vinculação Evitante (M) → Conflito (M)	.178	.075	.219	.018
Vinculação Evitante (H) → Conflito (M)	-.183	.081	-.206	.023

Figura 1. APIMeM das relações entre Vinculação Ansiosa, Resolução Positiva dos Problemas e Conflito

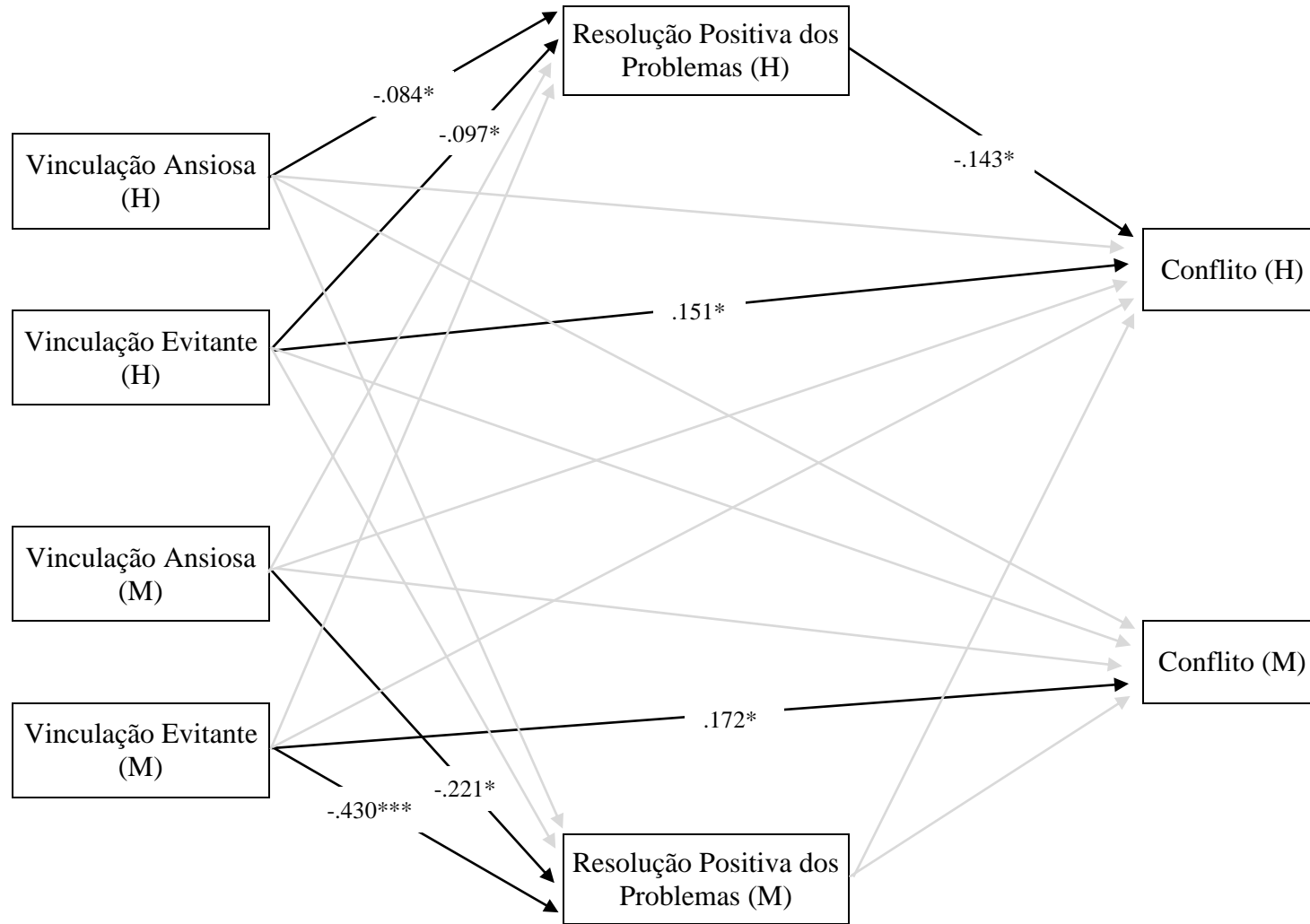




Figura 2. APIMeM das relações entre Vinculação Ansiosa, Envolvimento no Conflito e Conflito

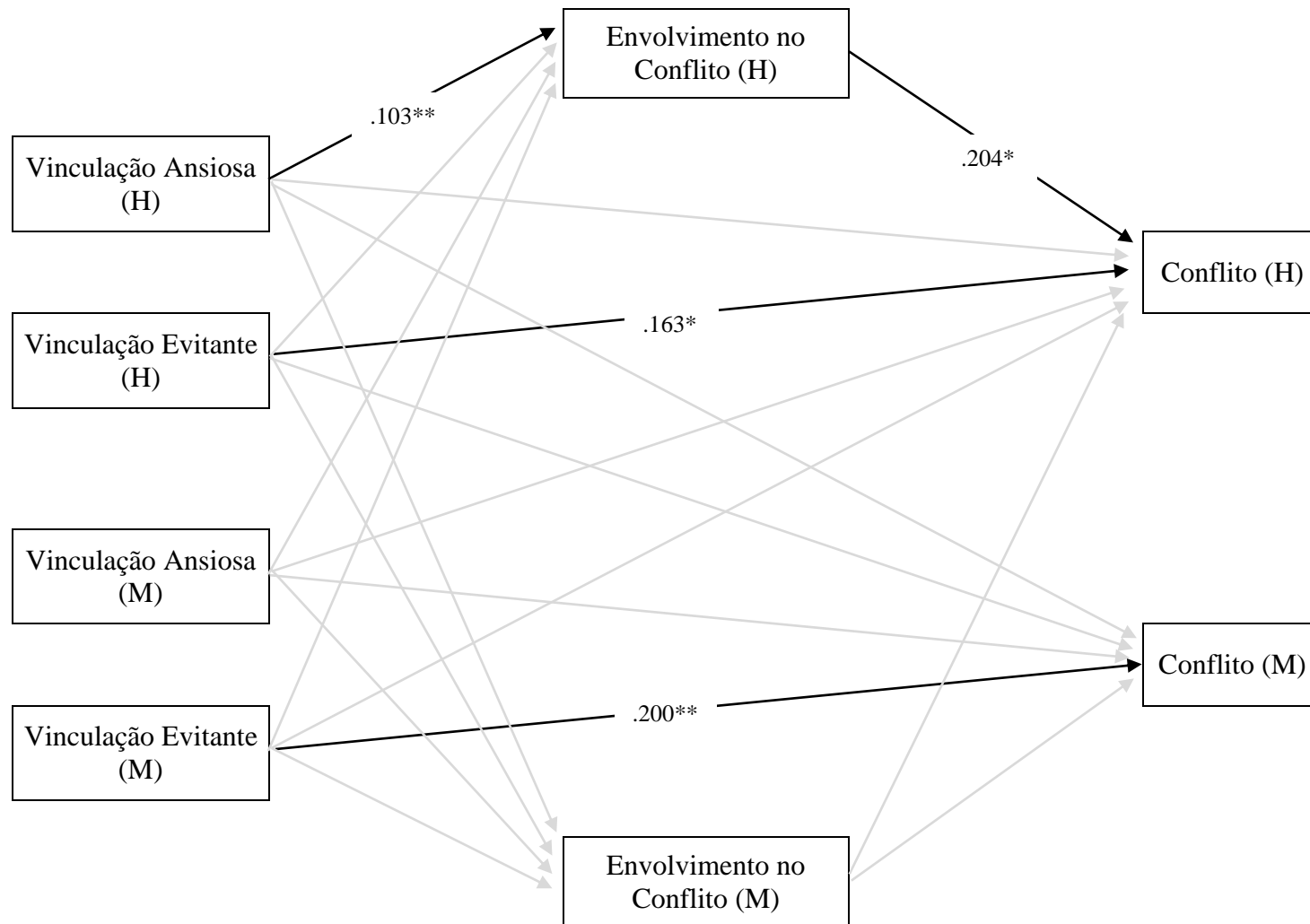
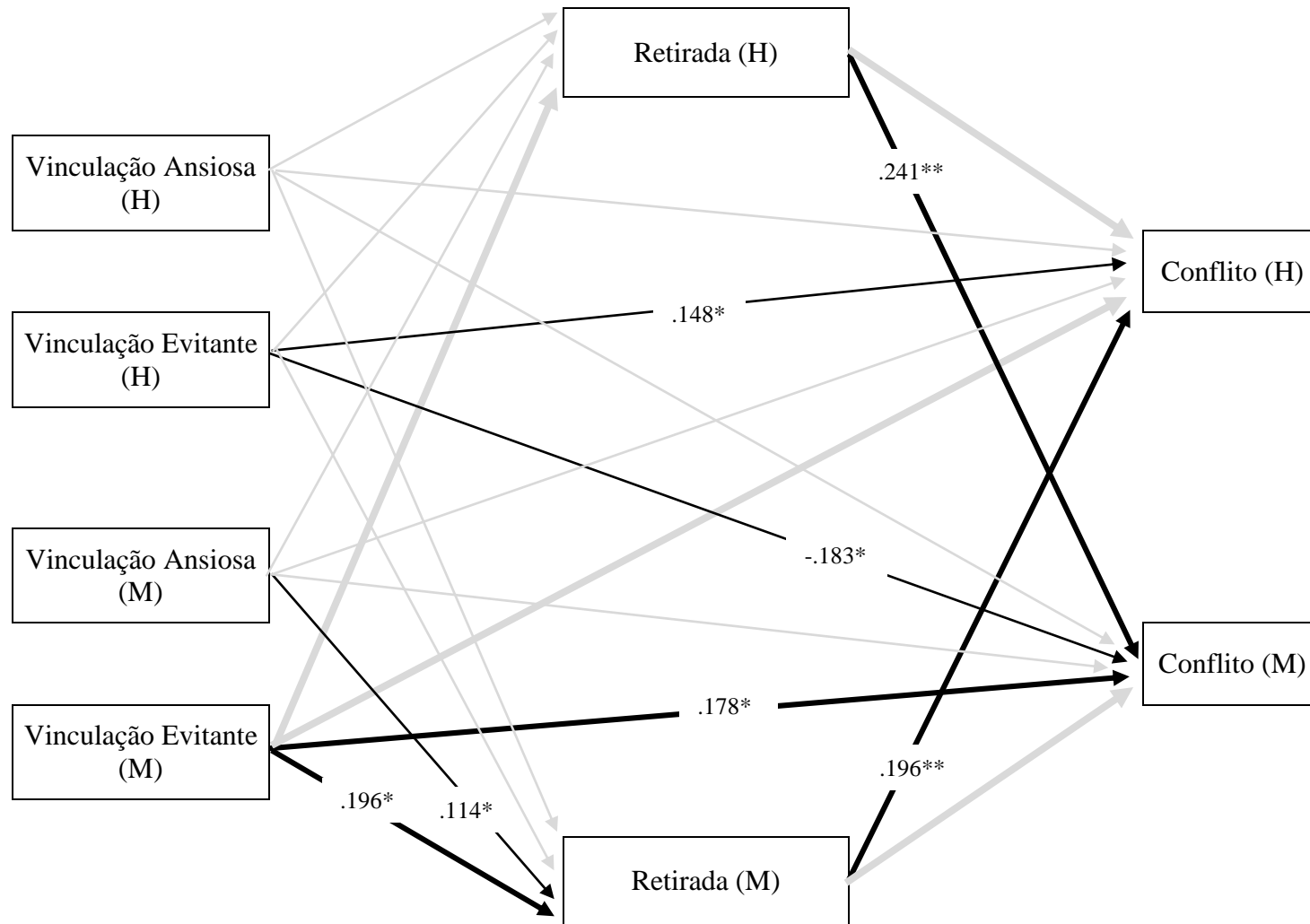


Figura 3. APIMeM das relações entre Vinculação Ansiosa, Retirada e Conflito



Nota Figuras 1, 2 e 3: H = homem; M = mulher. Efeitos significativos aparecem a preto, efeitos não significativos aparecem a cinzento e mediações aparecem a negrito.

\*\*\*  $p < .001$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$